

ESPORTE, LAZER E MERCADO: ELEMENTOS PARA SE PENSAR A SOCIEDADE DE CONSUMO.

Nestor Pérsio Alvim Agrícola

Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas de Goiatuba / GO

Resumo

O texto é um ensaio sobre o esporte lazer na sociedade moderna marcada pelos instrumentos ideológicos de imposição de desejos e necessidades e pela mercadorização do sentimento de prazer. Por se tratar de um texto introdutório optamos pelo não aprofundamento em nenhuma das questões e temas apresentados, mas procuramos expor de forma clara a correlação predominante entre o tempo livre, o espetáculo esportivo, o mercado de produtos e o prazer como promessa. O que leva o sujeito a se entregar à prática esportiva de uma modalidade qualquer por pura satisfação é, além de mecanismos estimuladores ligados à dimensão mercadológica do esporte, o prazer de jogar.

Palavras chave: Prazer; mercado; capitalismo; esporte

Abstract: This text is an essay about the leisure sport in modern society marked by the instruments of ideological imposition of desires and needs of the make goods feeling of pleasure. Because it is an introductory text by not decided on any of the deeper issues and themes presented, but trying to expose a clear correlation between the predominant free time, the sports events and the market for products and pleasure as promised. What brings the subject to deliver the practice of sports by any one method is pure pleasure, and stimulating mechanisms linked to the size of sports marketing, the pleasure of playing.

Key-words: pleasure; market; capitalism; sports

Da perspectiva crítica no tratamento teórico dos temas do esporte

Dentre as manifestações do lazer na sociedade ocidental contemporânea, o esporte vem assumindo uma dimensão bastante peculiar. Quanto mais as análises do fenômeno esportivo buscam dar conta de determinados aspectos do fenômeno, mais o objeto se revela polissêmico ampliando as perspectivas de compreensão e as possibilidades de referenciais. Proni e Lucena (2002), bem como Bracht (2001) nos dão mostras dessa vastidão no horizonte dos

referenciais, sem, no entanto, deixar de considerar a dimensão prática, empírica do esporte. Este ensaio é um convite à reflexão sobre o esporte situado na sociedade de consumo do mundo moderno e a mercadorização dos elementos que compõem o universo das necessidades e dos desejos humanos.

É neste contexto que apresentamos esta contribuição para a reflexão e o entendimento do esporte enquanto atividade de lazer inserido no mundo contemporâneo marcado pelo consumismo e por mecanismos de facilitação da vida, pelos instrumentos midiáticos de inculcação de comportamentos e valores, pela marcada e cada vez mais evidente dicotomia entre lazer e trabalho. Nessa tentativa vamos nos valer de um referencial crítico que tem como pano de fundo a sociologia marxista e como ferramenta de análise a Teoria Crítica dos autores da Escola de Frankfurt .

A análise proposta neste trabalho está vinculada ao sentido específico do esporte como atividade de lazer que encontra forte argumento na possibilidade do sentimento de prazer, de fruição e satisfação. Na análise da dinâmica do prazer na sociedade contemporânea revela-se importante o pensamento desenvolvido por Herbert Marcuse, que com incomparável habilidade agrega elementos da psicanálise freudiana para construir suas argumentações acerca da relação entre o prazer e o modo de vida do homem ocidental. No que tange ao esporte, as referências são buscadas em autores da corrente crítica da educação física e dos esportes que apresentam afinidade com a Teoria Crítica.

Sobre a necessidade do referencial crítico, acreditamos que a crítica social que necessita estar embutida na análise de fenômenos como o esporte não perdeu seu fôlego com a crise do referencial Marxista (Frigotto, 2001), mas ganha nele novas possibilidades e contornos. Isso se deve basicamente, primeiro ao fato de que a literatura técnica de fomento ao esporte e as políticas públicas voltadas prioritariamente ao esporte de competição desconsideram suas determinações (principalmente a econômica), e segundo porque se faz necessário lembrar que

as condições sociais que geraram o fértil momento histórico de crítica ao esporte - Indicado por *teoria crítica do esporte* por Vaz (2005) - continuam, não foram superadas. O mundo ocidental permanece, sob a égide da ideologia liberal, alimentando o sistema de acumulação de capital e gerando a legião de apartados da efetiva participação política e econômica das nações subdesenvolvidas e nem de longe o sistema dá mostras de fadiga, pelo contrario, se maquia e se revitaliza indicando sua intensa atualidade. É esta realidade que nos motiva a fincar o pé na postura crítica frente ao esporte e a outros fenômenos potencializados pelo desenvolvimento do mundo do capital.

Esporte, trabalho e lazer.

Na perspectiva do lazer, o esporte então é freqüentemente justificado pelo argumento de que, diante do caráter exploratório e massacrante do mundo do trabalho na sociedade ocidental moderna, o homem necessita de um momento de lazer, de descontração, de prazer que é oportunamente satisfeito por atividades tais como o esporte. Essa função do esporte se verifica em instituições como: clubes, academias, associações de bairros, praças de esportes, ginásios, onde a prática esportiva se torna efetivamente acessível, aparentando um momento democrático de equidade. Pode-se, inclusive, constatar uma grande procura do homem comum (não atleta) por esse momento de lazer. A despeito disso, entretanto, o tempo livre parece sofrer um processo gradual de estrangulamento, na medida em que a “superexploração do trabalho e a flexibilização da jornada resultam no encurtamento ou fragmentação do tempo livre”, conforme nos revela Mascarenhas (2005, 94). Assim, o esporte que compõe o quadro de referencia do lazer em grande medida é composto pelo esporte assistido, não praticado, virtual, mas que exerceria o mesmo efeito do esporte vivenciado.

O caráter catártico do esporte se configuraria, então, no momento de reencontro, de prazer, de catarse após a jornada estressante de trabalho. A prática esportiva é entendida como

um momento de libertação das amarras do trabalho tenso e exploratório. Nesse sentido, mostra-se bastante oportuno para as atuais condições de trabalho, pois partindo desse raciocínio, oferecer o esporte para o trabalhador como elemento de catarse proporciona uma renovação das forças produtivas capacitando-o para o dia seguinte. O fenômeno acima citado foi descrito pela primeira vez no Brasil em 1980 e apresentado na reunião anual da SBPC pela socióloga Maria Isabel de Souza Lopes, no trabalho “Educação Física ou repressão física?” (BETTI, 2001). Desde que Antônio Gramsci (1987) tratou das características específicas da produção capitalista altamente administrada no texto “Americanismo e fordismo”, expondo de forma clara os mecanismos de controle em todos os sentidos da força de trabalho, em função dos marcos de produção, tornou-se objeto de estudos a relação entre trabalho e lazer na sociedade moderna.

A diferenciação entre lazer e trabalho se mostra evidente a partir da era industrial. Segundo Marcellino (1983), nas sociedades tribais predominantemente agrárias o lazer e o trabalho se interpenetram e se confundem no cotidiano do sujeito. É na tecnificação e especialização do trabalho que o lazer se revela como dimensão oposta e o chamado “tempo livre”, nos moldes do tempo de trabalho, se mostra não só necessário como oportuno. O lazer se apresenta de fato como algo artificial, externo ao sujeito e raramente atinge a sua dimensão espiritual, reduz-se à mesma dinâmica do trabalho especializado e alienado.

Na sociedade moderna, marcadamente urbana, a industrialização acentuou a divisão do trabalho, que se torna cada vez mais especializado e fragmentado, obedecendo ao ritmo da máquina e a um tempo mecânico, afastando os indivíduos da convivência nos grupos primários e despersonalizando as relações. As pessoas passam a fazer parte de grupos variados, sem ligações uns com os outros. Caracteriza-se pelo binômio trabalho/lazer e as ações se desenvolvem como na gravação de um filme, onde os ‘atores’ participam de cenas estanques. (Marcellino, 1983, 21)

A relação entre o lazer, corporificado nos esportes, e o trabalho está também estabelecida no conjunto de características comuns, tais como: disciplina das ações, autoridade dos dirigentes, concorrência como princípio, rendimento como requisito, organização racional, entre outras, das quais o esporte lazer, tal qual o esporte de rendimento,

herda do mundo da produção industrial capitalista altamente racionalizada e administrada. No conflito entre trabalho e lazer o esporte é uma manifestação do lazer que corporifica tal conflito de maneira bem visível.

Os pontos de vista acerca do fenômeno são tão diversificados quanto os referenciais que os dão suporte. Lucena (2002), referenciado em Elias, vem afirmar que a relação entre lazer e trabalho não é de antagonismo e sim de complemento. A excitação proveniente das incertezas da disputa esportiva é tão essencial para o sujeito quanto qualquer outra necessidade, e se configura como afirmação da individualidade.

Quanto mais o sujeito interage com seu grupo próximo e com outros grupos mais distantes, mais se diferenciam ao mesmo tempo em que se assemelham pela afirmação de suas características individuais e pela aquisição de costumes e hábitos novos. Esse mecanismo de individualização se dá pela diferenciação das experiências do sujeito, segundo Lucena (2002, 124).

Essa individualização, entretanto, não deve ser entendida como oposição ao ser social que se encontra sujeito ao efeito de catarse coletiva, supostamente proporcionada pelo esporte espetáculo veiculado pelos mecanismos de mídia. Não participando efetivamente, mas mesmo assim sofrendo seus efeitos psíquicos, o sujeito, em frente à tela de televisão, experimenta diversas formas de sentimentos e emoções relacionados com o prazer de acompanhar e se identificar com as equipes esportivas (Betti, 1998). Neste caso, não há desgaste físico, pois não há prática efetiva, porém a prática virtual geraria o mesmo efeito de renovação das energias mentais, novamente muito propícias aos meios de produção da sociedade industrial. A instrumentalização tecnológica dos mecanismos de mídia permite uma quase transposição do telespectador para o lugar do atleta ou bem próximo dele. Em alguns casos escuta-se a respiração ofegante do atleta após o lance do jogo. Tal interação permite inferir que o sujeito espectador “sente” o espetáculo esportivo corporalmente, não só intelectualmente. Basta

lembrar que o ato apaixonado de “torcer” e “retorcer”, se não pode ser comparado a experiência possibilitada pelo “jogar”, pode levar o “torcedor” a situações bem próximas da fadiga: elevação da pressão arterial e da frequência cardíaca, violentas contrações musculares, dilatação da pupila, processo de sudorese, entre outros.

Pode-se perceber que há um cruzamento entre a perspectiva de esporte de rendimento e de esporte lazer na medida em que o esporte de rendimento se torna de propriedade da grande mídia, e, da idéia inicial de saúde passa a ser entendido como entretenimento, vinculando-se, dessa forma, à noção de esporte como espaço de lazer e prazer. É importante destacar que isso se dá em detrimento do pressuposto da prática, o que era original na proposta de esporte participação. O esporte lazer não é somente aquele praticado, mas também, e principalmente, aquele assistido nos instrumentos de mídia. O esporte de rendimento se confunde com o esporte lazer tornando-se, o primeiro, uma dimensão do segundo. Vemos o surgimento de uma nova referencia. O esporte passa a ser compreendido como produto a ser consumido pelas massas. *...a idéia do esporte como um direito do consumidor.* (Bracht, 2003, p. 91) É neste movimento que o esporte rendimento passa a ser identificado por Kunz (2000) como “Esporte espetáculo”.

Neste contexto, Pagni (2003) denuncia o fenômeno do controle ideológico da sociedade capitalista por meio, também, do esporte espetáculo. A liberdade de escolha dos momentos e atividades de lazer do trabalhador é algo que pode ser muito perigoso para a máquina econômica, pois, esse trabalhador pode – no dia seguinte – não estar renovado. Por isso, esse autor expõe que a catarse coletiva proporcionada pelo esporte de mídia é intencional e ideológica. Talvez esteja aí a explicação para a intensa programação esportiva das emissoras de televisão aos domingos: um intenso controle ideológico das massas.

O temor do desconhecido e dessa ruptura com a ordem existente por intermédio do ócio, da sensibilidade e da experiência teriam feito com que o Estado e outras instituições sociais, representantes das classes dominantes, elegessem as atividades a serem praticadas e os objetos a serem contemplados, com o intuito de dirigir o tempo livre da maioria dos indivíduos, de converter a percepção destes àquilo que

seria apenas aparente e que corresponderia a uma simples constatação do existente, de tornar a fruição do prazer como sinônimo de uma descarga imediata de instintos, produzidas como um meio de aliviar as tensões e de gerar uma catarse coletiva, a partir da qual todos poderiam voltar revigorados ao trabalho produtivo (Pagni, 2003, 86 - 87)

Podemos entender, então, que até mesmo as possibilidades de fruição do prazer estão circunscritas ao círculo da ideologia capitalista e aos mecanismos da chamada *Indústria Cultural*, que também esse prazer não é fruto de uma escolha ou de um desejo autêntico do sujeito, mas de uma sutil imposição. O prazer do esporte praticado enquanto lazer não é negado, mas também não é uma escolha livre. Se concordarmos que o prazer é obtido como satisfação de uma necessidade ou um desejo, e essas necessidades e desejos se constituem na esfera subjetiva, então a massificação da prática esportiva como lazer e como prazer se configura como ideologia ou como ausência de iniciativa autônoma. É marcado então por um grau de heteronomia sem precedentes na história das sociedades.

É nesse sentido que percebemos que o que se torna questionável não são as formas de fruição do prazer, e sim as necessidades e desejos que orientam a busca pelo prazer.

A partir de uma análise das relações do homem com os meios de produção, e da reificação gerada pelo modelo social capitalista, podemos dizer que existem necessidades que são verdadeiramente autênticas, e existem as que são falsas, implantadas pela racionalidade instrumental (Horkheimer, 2000), e que são marcadas pelo consumismo, fenômeno que surge com a modernização da produção de bens de consumo em escala industrial.

Existem necessidades verídicas e falsas. Falsas são aquelas que os interesses sócio-particulares, ao reprimir o indivíduo, lhes super-impõem, como as que perpetuam a labuta, a agressividade, a miséria e a injustiça. Sua manifestação pode ser agradável ao indivíduo, mas a felicidade deste não é uma condição que tem de ser mantida e protegida. (Viana, 1995, 105 - 106)

O prazer, que se traduz em felicidade ante as necessidades que são falsas é momentâneo e efêmero, exatamente porque está como consequência de um desejo que foi sutilmente imposto ao sujeito. Assim, a felicidade ou o prazer encontrado na satisfação de um desejo ou

necessidade falsos é definitivamente vazio e de forma nenhuma contempla a dimensão espiritual do sujeito, configurando-se, então, como êxtase exterior ao próprio sujeito, isto é, como busca de prazer no objeto e não prazer por meio do objeto. O objeto passa a ser o fim e não o meio, e esse fim é em si mesmo. O desejo de se ter algo que em si mesmo já carrega sua possibilidade de satisfação.

O valor, então, do objeto não é seu valor de uso e sim um valor falso, obscurecido pelo mercado e seus mecanismos capilares que impõe valores aparentes. Neste contexto, não só o produto é transformado em objeto de valor irreal, mas o próprio parâmetro de valoração do sujeito é alterado. Betti (1994) nos mostra isso ao expor a dualidade do sentido de valor na sociedade moderna marcada pela racionalidade instrumental própria do mundo do capital. Encontramos esse fenômeno constantemente no mercado de materiais esportivos, onde o prazer de adquirir um produto como um tênis, por exemplo, de determinada marca não está nas possibilidades de desempenho físico que tal equipamento pode proporcionar, mas sim no próprio tênis em si, que após o momentâneo êxtase de calçá-lo o consumidor irá se aperceber que ele é só um calçado, e, como tal, não é fonte de prazer real. O sentimento de felicidade foi momentâneo e continuará sendo menor cada nova vez que o tênis for calçado. A felicidade passa a ser gradativamente substituída por certa frustração, por entender posteriormente que foi pago um preço, muitas vezes, exorbitante por algo que tem o mesmo valor de uso de qualquer outro calçado: proteger o pé. A frustração, para esse consumidor, não é maior porque o mercado de produtos supérfluos já trata de substituir o seu objeto de desejo e felicidade por um novo produto mais moderno, contendo novas possibilidades de prazer, e assim o fenômeno se repete ininterruptamente. Isso nos permite inferir que a busca parece ser pelo processo de consumo, que sempre se renova com as novas “modas”, e não, pelo objeto em questão.

Esse movimento incessante de fetichização e substituição de produtos, desejos e necessidades se configura na materialização da racionalidade liberal moderna incorporada pelo sujeito nas bases da cultura do efêmero e do descartável, gerada e potencializada pelos mecanismos da Indústria Cultural (Adorno & Horkheimer, 1985).

A mercadorização do esporte significa, evidentemente, que não apenas ao rendimento do atleta agrega-se valor tornando-o comercializável, mas também um sem-número de produtos esportivos entram na esfera da circulação no âmbito da indústria do tempo livre [...] teríamos hoje, no esporte, um comportamento determinado esteticamente pela mercadoria. (Vaz, 2006, 11)

Não resta dúvida de que o fenômeno descrito acima é fruto da ordem social capitalista e da determinação econômica que está presente nas relações próprias desse sistema. As condições objetivas propícias ao surgimento desse tipo de fenômeno estão presentes na sociedade neoliberal se estendendo a todas as instituições e classes dessa sociedade. Obviamente não poderíamos imaginar que o esporte estaria fora da dinâmica econômica, pois o apelo, tanto do esporte espetáculo quanto do esporte lazer está sempre associado a uma gama de possibilidades e produtos expostos como promessa de satisfação.

Os sentimentos de prazer e felicidade nessa sociedade se tornam passíveis de questionamentos na medida em que todo o fenômeno do consumismo é eventualmente motivado por esses sentimentos. Nesse sentido, pode-se perceber o antagonismo entre o entendimento do prazer e da felicidade ante a ótica do sujeito e ante a ótica coletiva da sociedade democrática.

Esse antagonismo se encontra presente na oposição entre a filosofia da razão e a filosofia hedonista, explorada por Marcuse (1997), que identifica a seguinte contraposição: a filosofia da razão só admite a felicidade universal, isto é, livre de interesses particulares. A felicidade só pode existir se for geral, portanto as diferentes individualidades e seus diferentes interesses permitem uma conciliação apenas parcial, gerando também uma felicidade comum

e parcial. A felicidade geral pressupõe o sacrifício de abdicar da felicidade individual. Nesse sentido, a individualidade absoluta é vista como impedimento à felicidade universal.

Os indivíduos precisam sacrificar-se em nome do universal, pois não há nenhuma harmonia preestabelecida entre o interesse geral e o interesse particular, entre a razão e a felicidade. O progresso da razão se afirma contra a felicidade dos indivíduos [...] A história universal não é o lugar da felicidade. Os períodos de felicidade são nela páginas em branco [...] O universal segue seu caminho por cima dos indivíduos... (Marcuse, 1997, 162)

Já na filosofia hedonista, a busca é pelo prazer individual acima de tudo. Se o ser humano admitir que sua existência é, em síntese, a constante busca de felicidade, o hedonismo é bastante adequado porque considera a satisfação de necessidades e desejos, e o posterior sentimento de prazer, o objetivo primeiro e último da existência do homem. Não há outra coisa a se buscar na vida senão o prazer e a satisfação pessoal, porque a felicidade é eminentemente individual. Assim, segundo a filosofia hedonista, a felicidade geral é mera abstração e não se realiza de fato. O argumento da filosofia da razão é uma promessa irrealizável, por isso não se deve abdicar do prazer pessoal. “O hedonismo é o pólo oposto à filosofia da razão” (Marcuse, 1997, 167)

Tais como são, devem os indivíduos satisfazer-se, e tal como o mundo é, deve tornar-se objeto de possível fruição. Ao remeter a felicidade à entrega imediata e à fruição imediata, o hedonismo obedece a um estado de coisas que reside na própria estrutura da sociedade antagônica e que só se torna claro em suas formas desenvolvidas. (Marcuse, 1997, 164)

Apesar do antagonismo existente entre essas duas formas de pensamento, ambas são necessárias para um equilíbrio social. A incompatibilidade entre razão e felicidade é um pressuposto da sociedade controlada e administrada, e a busca dessa felicidade, em detrimento da própria condição social do homem, é o que pode levar à falência da organização social.

No entanto, Marcuse (1997) sai em defesa da razão, admitindo que embora abdicar da individualidade e da felicidade absoluta seja também o caminho para o controle da sociedade, não há caminho possível para o desenvolvimento da humanidade que não seja pela razão. Adorno e Horkheimer (1985) mostram o quanto o corpo foi aviltado e limitado quanto às

possibilidades de satisfação ao longo da história da humanidade, e que essa imposição – até certo ponto racionalizada – é proveniente da cultura de massa e da própria organização social. Os limites impostos pelos mecanismos da Indústria Cultural estandardizaram o sentimento de prazer ao depositar no objeto as suas possibilidades.

O prazer acaba por se congelar no aborrecimento, porquanto, para continuar a ser um prazer, não deve mais exigir esforço e, por isso, tem de se mover rigorosamente nos trilhos gastos das associações habituais. (Adorno & Horkheimer, 1985, 128)

A absoluta liberdade de fruição do prazer (orgânico, físico, corporal) é algo impensado em nosso mundo exatamente porque não pode ser democrático, portanto é banido como comportamento anti-social. Porém, a mensagem é dirigida às classes populares e numerosas como elemento de resignação e conformismo.

A sociedade capitalista moderna é caracterizada por relações reificadas em que a esfera do consumo aparece separada dos processos de produção e o prazer, que deveria se constituir na realização pessoal e espiritual do indivíduo, se configura na mera aquisição de produtos. “*À felicidade resta apenas a esfera do consumo*”. (Marcuse, 1997, 172) Porém, a fruição do prazer como fim primeiro e último da existência, não é capaz de levar o sujeito à plena realização espiritual, mas sim a uma desagregação desse sujeito para com a sociedade e da própria organização social. A busca do prazer e da felicidade mediados pela razão é a única possibilidade para o ser, lembrando ainda que o prazer nunca poderá ser pleno e nem a felicidade será absoluta.

A razão que, ao prever, permite avaliar entre o valor de um prazer momentâneo e um desprazer posterior, torna-se juiz do prazer e até mesmo o prazer supremo [...] A razão permite ao homem aquela fruição moderada, diminuindo o risco a fim de manter uma saúde equilibrada e permanente.[...] A fruição consiste precisamente nessa exterioridade, nesse encontro inocente, despreocupado, harmonioso do indivíduo com algo no mundo. (Marcuse, 1997, 170)

Imposições ideológicas do esporte lazer na sociedade administrada

Sobre essas pontuações podemos entender, então, que até mesmo as possibilidades de fruição do prazer são, em grande medida, imposições ideológicas e que o prazer se revela como possibilidade parcial. O esporte praticado em busca de prazer pode ser parte de um mecanismo impositivo.

Não se trata de pensar o lazer como ‘apropriado’ pela indústria cultural, mas como sua face privilegiada. A indústria cultural não subtrai ou deforma o lazer, mas o constitui em relação ao trabalho como outra face da moeda da dominação social [...] minha hipótese de trabalho é que o lazer simplesmente não pode ser pensado fora dos esquemas da indústria cultural, dos ardis reificadores dos esquemas de dominação e produção de subserviência, de servidão voluntária; que o ‘tempo livre’, como paródia de si mesmo, é uma impossibilidade. (Vaz, 2006)

Um dado que, guardadas as devidas medidas, ilustra essa tese é mostrado por Pierre Bourdieu (1996). Ali ele identifica as diferentes modalidades de esportes e atividades físicas praticadas predominantemente por diferentes classes sociais. Ao passo que indivíduos das classes privilegiadas praticam esportes como Tênis, Golfe, Esqui, Equitação, os grupos sociais desprivilegiados (mais numerosos) praticam futebol e outros esportes de grande veiculação na mídia.

Assim, nos parece claro que a escolha desse esporte de tempo livre, enquanto hábito, segundo a teoria vista, não é uma escolha livre de determinações e imposições de fundo ideológico. Nesse sentido, não podemos esperar, também, que o prazer e a felicidade gerados por essa prática sejam livres dessas mesmas determinações.

A reposição das energias mentais pelo sentimento de prazer proporcionado por alguns momentos de prática ou contemplação esportiva passa a ser então bastante duvidoso, uma vez que a escolha desse esporte, e conseqüentemente o prazer proporcionado por sua prática, não estão livres de um mecanismo impositivo que tende à mercadorização, mas estão contaminadas pelas relações sociais reificadas da sociedade.

Estaria mesmo o prazer gerado pela prática esportiva circunscrito ao círculo da ideologia dominante? Segundo o ponto de vista Marcuseano e de outros autores que

mostramos, não há dúvidas disso. Entretanto, o prazer declarado por quem pratica o esporte existe, esteja ou não determinado pelos mecanismos ideológicos.

Se voltarmos nossa atenção para as manifestações práticas desse esporte lazer pode-se perceber que os mecanismos de mercado é que se valem do prazer gerado para sugerir os objetos de desejo e necessidades. Os esportes seguem sendo praticados, representados, encenados nos mais diversos espaços, tempos, com os mais diversos significados.

Stigger (2002) nos mostra grupos de pessoas que praticam esportes por puro prazer. Sem que mais nada as prendam ao grupo, os momentos de prática são, segundo o autor, marcados por um verdadeiro êxtase coletivo. Qual seria o diferencial para esse grupo? O que leva o sujeito a se entregar à prática esportiva de uma modalidade qualquer por pura satisfação é, além de mecanismos estimuladores ligados à dimensão mercadológica do esporte, o prazer de jogar. A possibilidade de resistência a essa dinâmica ideológica encontra-se, ao que parece na própria vivência de fruição do sujeito. Chegamos a um dilema que expressa uma realidade verdadeiramente dialética. O mesmo mecanismo que corrobora e alimenta o processo parece ser também a via de sua superação.

Acreditamos que o ponto nevrálgico desta questão está na prática efetiva, que de uma forma ou de outra distancia o ser humano da simples contemplação e, portanto da situação de passividade para com o esporte. Em nosso ponto de vista, é na ação que se encontra a possibilidade de superação dessa situação e efetiva a realização da constituição humana. Mesmo existindo um mecanismo de imposição ideológica que controla e reduz a autonomia dos sujeitos, o prazer gerado pelos esportes é praticamente inegável. Resta-nos, portanto, um único questionamento: poderia este sentimento de prazer ser realmente a expressão do desejo e da necessidade humana como momento autêntico e livre se não houvessem os mecanismos de controle ideológico presentes também no esporte? Devemos, pois, confiar na superação dos valores que orientam esse modo de vida e essa racionalidade gerados pelo modelo social

dominante e esperar talvez um próximo passo evolutivo da humanidade na qual o ser humano em sociedade reconhecerá como valor essencial a própria consciência social e coletiva e poderá...

[...] aperfeiçoar-se no ramo que lhe apraz, a sociedade regula a produção geral, dando-me assim a possibilidade de hoje fazer tal coisa, amanhã outra, caçar pela manhã, pescar à tarde, criar animais ao anoitecer, criticar após o jantar, segundo meu desejo... (Marx; Engels, 1979, 47)

Referências Bibliográficas

ADORNO, T. & HORKHEIMER, M. 1985. *Dialética do esclarecimento*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar ed.

BETTI, Mauro. 2001. *Educação Física e sociologia: novas e velhas questões no contexto brasileiro*. In: CARVALHO, Y. M. ;RUBIO, K. (Org.) *Educação Física e ciências humanas*. São Paulo: Hucitec.

_____. 1994. *Valores e finalidades na Educação Física escolar: uma concepção sistêmica*. Revista Brasileira de Ciências do Esporte. Santa Maria. V. 16, n. 1, p. 14 – 21.

_____. 1998. *A janela de vidro: esporte, televisão e educação física*. Campinas: Papirus.

BOURDIEU, Pierre. 1996. *Razões práticas: sobre a teoria da ação*. – 4ª Ed. – Campinas: Papirus.

BRACHT, V.; ALMEIDA, F. Q. 2003. *A política de esporte escolar no Brasil: a pseudovalorização da Educação Física*. Revista Brasileira de Ciências do Esporte. Campinas, V. 24, n. 3, p. 87 – 101.

BRACHT, Valter. 2001. *Sociologia crítica do esporte: uma introdução*. 2ª ed. – Ijuí: Editora Unijuí.

FRIGOTTO, Gaundêncio. 2001. *A nova e a velha faces da crise do capital e o labirinto dos referenciais teóricos*. In: FRIGOTTO, G. / CIAVATTA, M. (Org.) *Teoria e educação no labirinto do capital*. Petrópolis: Vozes.

GRAMSCI, Antonio. 1987. *Maquiavel, a política e o Estado moderno*. – 8ª Ed. - Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

HORKHEIMER, Max. 2000. *Eclipse da razão*. São Paulo: Centauro.

KUNZ, Elenor. 2002. *Transformação didático pedagógica do esporte*. 3ª ed. – Ijuí: Editora Unijuí.

LUCENA, Ricardo. 2002. *Elias: individualização e mimesis no esporte*. In: PRONI, M. / LUCENA, R. (Org.) *Esporte: história e sociedade*. Campinas: Autores Associados.

MARCELLINO, Nelson C. 1983. *Lazer e humanização*. Campinas: Papirus.

MARCUSE, Herbert. 1997. *Cultura e sociedade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

MARX, K; ENGELS, F. 1979. *A ideologia alemã*. – 2ª Ed. – São Paulo: Editora Ciências Humanas.

MASCARENHAS, Fernando. 2005. *Entre o ócio e o negócio: teses acerca da anatomia do lazer*. Tese de doutorado – Doutorado em Educação Física, UNICAMP. Campinas SP.

PAGNI, Pedro Ângelo. 2003. *Subjetividade, corpo e educação na obra de Herbert Marcuse*. Perspectiva: Revista do Centro de Ciências da Educação. Florianópolis: UFSC, V. 21, nº 01.

STIGGER, Marco Paulo. 2002. *Esporte, lazer e estilos de vida: um estudo etnográfico*. Campinas: Autores Associados.

TORRI, D.; VAZ, A. F. 2006. *Do centro à periferia: sobre a presença da teoria crítica do esporte no Brasil*. Revista Brasileira de Ciências do Esporte. Campinas, V. 28, n. 1, p. 185 – 200.

VAZ, Alexandre F. 2006. *Reflexões de passagem sobre o lazer: notas sobre a pedagogia da indústria cultural*. Pensar a Prática: Revista da faculdade de Educação Física/Universidade Federal de Goiás. Goiânia, V. 9, n. 1.

----- . 2005. *Teoria crítica do esporte: origens, polêmicas e atualidades*. Revista Esporte e Sociedade. Rio de Janeiro, V. 1, n. 1.

VIANA, Eduardo. 1995. *O poder no esporte*. Rio de Janeiro: Editora Sprint.

Nestor Pérsio Alvim Agrícola
Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas de Goiatuba
Coordenador do curso de Educação Física da FAFICH / Goiatuba
Licenciado em Educação Física UFJF, Mestre em Educação UFG
Autor de livro: “Esporte, esporte escolar e competição: sentidos, ações e contradições”,
editora UCG
Endereço: Rua Mato Grosso, 290, centro, Goiatuba GO CEP 75600 000